

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO
UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO PSICOLOGIA

AS AVENTURAS DE BEN COM OS ALIENS: sobre a Psicanálise com criança.

**NATAL
2017**

KAÍLA SAMARA DAMASCENO DE SOUZA

AS AVENTURAS DE BEN COM OS ALIENS: sobre a Psicanálise com criança.

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia que será apresentado ao Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNIRN, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Psicóloga.

Orientador: Prof. Érick Leonardo

**NATAL
2017**

KAÍLA SAMARA DAMASCENO DE SOUZA

AS AVENTURAS DE BEN COM OS ALIENS: sobre a Psicanálise com criança.

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Psicologia que será apresentado ao Centro Universitário do Rio Grande do Norte – UNIRN, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Psicóloga.

Orientador: Prof. Érick Leonardo

Aprovado em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Professor Érick Leonardo Pereira

Orientador:

Izabel Cristina do Nascimento Feitosa

Membro

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pacientes que durante todas as sessões se dispôs a compartilhar suas demandas através de sua fala, e pôde me proporcionar conhecer o sujeito e sua subjetividade além dos sintomas a partir de uma escuta diferenciada. Assim como, a cada funcionário da Clínica Integrada UNIRN, que de forma indireta contribuiu para os atendimentos fossem realizados.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que esse momento pudesse acontecer em minha vida, por ter me fortalecido a superar todas as dificuldades que me foram presentes aos longos cinco anos desse curso, que me sustentou e me deu fé e esperança para que eu pudesse sempre enxergar os caminhos brilhantes que me fará trilhar.

Agradeço a toda minha família, meus pais, irmãos, sobrinhos que de forma direta ou indireta me ajudaram dando-me forças quando me sentia fraca, dando-me caminhos quando eu já não enxergava mais saída, compreendo-me em cada situação, se fazendo presente mesmo quando estavam longe.

Ao meu namorado que de forma especial foi peça fundamental e que me incentivou desde o princípio. Então, toda minha gratidão a ele, e que ao seu lado pude compartilhar minhas tristezas assim como minhas alegrias as quais me fizeram chegar até aqui.

Ao estimado Professor e Orientador Erick Leonardo, que de um jeito simples, suave e muito sábio, compartilhou durante todos esses meses de supervisão seus conhecimentos, me orientando a construir e desconstruir os conhecimentos nos quais debrucei para que pudesse chegar aos resultados de cada processo analisado, estudado, vivenciado.

Assim como, a minha estimada Professora Izabel Feitosa a quem dedico todo o meu apaixonar pela Psicanálise, oferecendo-me sempre esse lugar de desejo.

A minha amiga e irmã em Cristo Kalessandra Castro, que me apoiou em todos os esses longos momentos e que me transmitia através de sua Fé os lindos caminhos que o Senhor me preparou.

E, não poderia deixar de citar minhas queridas amigas Ayrlla Sara e Thaisa Tuany, que pudemos está juntas durante todos esses 1.825 dias, ou seja, cinco anos que aprendemos a respeitar e conviver diariamente com as diferenças de cada uma e que sempre estivemos presentes nos melhores e piores momentos de nossas vidas, até mesmo em nossa escolha da Abordagem, que foi a mesma para todas, e que essa amizade sólida, sincera que construímos possa perpetuar trilhando o sucesso de todas nós.

“Existem momentos na vida da gente, em que as palavras perdem o sentido ou parecem inúteis, e, por mais que a gente pense numa forma de empregá-las elas parecem não servi. Então a gente não diz, apenas sente.”

Sigmund Freud

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia ancorado na abordagem psicanalítica, vislumbrando a importância que a psicanálise se refere sobre a escuta terapêutica, sobre a fala do sujeito em um contexto clínico, assim como os resultados das experiências que foram obtidos durante o período de estágio e plantão psicológico em ênfase clínica sob a orientação e embasamento teórico em Psicanálise, em Freud e Lacan, o qual será desenvolvido através de um estudo de caso clínico escolhido a partir das intervenções utilizadas durante as sessões vivenciadas. No entanto, sua conclusão será efetuada após a finalização do processo aos atendimentos vigentes.

Palavras chave: Psicanálise; Escuta; Criança; Clínica.

ABSTRACT

The present work aims to present the Conclusion Work of Psychology Course anchored in the psychoanalytic approach, looking at the importance that psychoanalysis refers to on therapeutic listening, on the subject 's speech in a clinical context, as well as the results of the experiences that were obtained during the period of internship and psychological on-call in clinical emphasis under the guidance and theoretical basis in Psychoanalysis in Freud and Lacan, which will be developed through a clinical case study chosen from the interventions used during the sessions. However, its conclusion will be made after the completion of the process to the current attendance.

Keywords: Psychoanalysis; Listening; Child; Clínic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	ESCUITA E HISTÓRICO	10
3	CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTÁGIO	15
4	METODOLOGIA	16
4.1	PROJETO DE INTERVENÇÃO	16
5	AS AVENTURAS DE BEM: SOBRE A PSICANÁLISE COM CRIANÇA	17
5.1	ENTREVISTAS PRELIMINARES COM A MÃE	18
5.2	OS ENCONTROS COM A CRIANÇA	20
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS	29
	APÊNDICE	31

1 INTRODUÇÃO

O presente relatório faz referência ao Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia clínica sob manejo e orientação com base na teoria Psicanalítica Freudiana. Para tanto, torna-se essencial para a compreensão e conclusão do estágio supervisionado o qual este relatório citará, resgatando primeiramente uma breve contextualização do surgimento da psicanálise a partir de Freud. Logo os atendimentos, foram realizados individualmente compreendendo a escuta a partir do sujeito.

A clínica psicanalítica visa conferir ao sujeito um lugar a escuta diferenciada, sem julgamentos ou interpretações vindas daquele que escuta. É a partir desta escuta diferenciada que o sujeito se fará autor de seus próprios relatos, permitindo-lhe se compreender e ser ouvido a partir de sua própria fala durante o processo de cada sessão.

Durante todo o percurso da graduação, minha escolha esteve sempre direcionada de forma direta e indireta na teoria psicanalítica. Com o início da minha própria análise, pude perceber de forma mais incisiva todo o sentido que essa abordagem faz em minha vida, por ser produto real em um modo de existir fazendo-me perceber um sujeito que simplesmente deseja. A primeira leitura que realizei foi sobre “A interpretação dos sonhos” no qual Freud descobre a instância até então desconhecida da psique “O inconsciente”. Buscando lapidar o encontro com o sujeito inconsciente através de sua linguagem e história, livrando-o de uma rotulação biológica.

Portanto, a proposta dessa revisão de literatura orienta-se de forma aplicável aos estudos das obras de Sigmund Freud, assim como, contribuições de outros autores que se fizeram pertinente (Lacan, Antônio Quinet), que alhures fará dar luz na elaboração, intervenção e no entendimento do estudo de caso que será apresentado.

2 ESCUTA E HISTÓRICO

“As grandes coisas podem ser reveladas através de pequenos indícios”. Sigmund Freud.

Nasce em 6 de maio de 1856, aquele que iria revolucionar o mundo com a criação da psicanálise, Sigmund Freud, onde o mesmo recebera o nome de Schlomo Sigismund, em homenagem ao avô paterno, porém, não fazia uso de sua escrita, utilizando em suas assinaturas apenas Sigmund Freud. Aos 17 anos ingressa na Universidade cursando medicina. Alguns anos depois Freud é escolhido e ganha uma bolsa de estudos no Hospital Psiquiátrico em Paris, (Salpêtrière). O qual era dirigido por Jean Martin Charcot médico neurologista que fazia uso da hipnose para se referir as doenças nervosas que levavam o nome por ele de histeria. (JORGE, 1952)

A Psicanálise é um método de investigação do inconsciente, que foi desenvolvido por Sigmund Freud, médico Austríaco, o qual tratava de mulheres em um contexto hospitalar as quais eram nomeadas como sendo loucas. Após concluir seu estágio com Jean Martin Charcot, apoderado de suas experiências em um Hospital Psiquiátrico (Salpetriere) com essas mulheres, Freud retorna para Viena onde dar início aos seus trabalhos junto com o antigo amigo de estudo e também médico, Josef Breuer, com o objetivo de investigar e compreender as pacientes mediante um estado psíquico. Descobrimos assim através da análise de suas pacientes em um processo hipnótico, o sintoma classificado como histeria, que possuía uma ordem psíquica a qual era desencadeada a partir dos eventos emocionais reprimidos, desejos inconscientes, assim como fantasias sexuais. (ROTSTEIN; BASTOS, 2011).

Na obra de Freud lançada em 1901 e finalizada em 1905 sob o título *Um caso de histeria*, encontra-se a seguinte afirmação:

[...] É verdade que se poderia supor uma aparente exceção a isso a partir do contraste traçado por Freud entre a causação da histeria e a da neurose obsessiva: a primeira, afirmava ele, remontava a experiências sexuais passivas na infância, ao passo que a segunda se originaria em experiências ativas. (FREUD, 1905/1942, p.77).

Freud em seu trabalho, Estudos sobre a Histeria publicado em 1895, ao analisar suas pacientes com sintomas histéricos, pôde perceber que em seus relatos havia conteúdos sobre a sexualidade a qual tinha uma função singular na patogênese da histeria, amiúde eram utilizadas pelas pacientes como uma de defesa dos conteúdos inconsciente, ou seja, recalcavam suas fantasias do consciente desencadeando o sintoma. “Os histéricos sofrem principalmente de reminiscência”. (BREUER; FREUD, 1895/1942, p.16).

A partir do contexto diante dos atendimentos a suas pacientes histéricas, Freud desenvolveu a atenção flutuante direcionada para o analista, assim como a regra fundamental da psicanálise, a associação livre, onde o paciente pode falar livremente sem hesitar tudo o quanto lhe vier à mente mesmo que lhe pareça sem sentido algum. Nesse sentido o analista ocupa uma posição diferenciada com o saber, cabendo a ele uma ignorância douda.

Trata-se de uma ignorância que não exclui o saber da teoria, mas que destaca a posição de escuta de um Outro saber, o saber do inconsciente, que tem como característica principal a ruptura com toda a forma de saber consciente. (JORGE, 1952, p.21).

A realização da escuta em uma fala é para o analista o caminho que o levará a verdade latente do sujeito. De acordo com Jorge (1952, p. 20):

O saber em jogo na experiência da análise é um saber que se caracteriza por um estar intimamente associado à verdade do sujeito, não é um saber acadêmico nem doutrinário, mas um saber singular.

A escuta para o analista se dá a partir do encontro singular com o sujeito que o busca na tentativa de “cura”. No processo de análise essa cura é possibilitada através da fala na perlaboração do consciente em conteúdos inconscientes de cada sujeito, tornando-se permitido ao analisando essa escuta diferenciada proporcionada pela psicanálise.

[...] Este experimento preliminar, contudo, é ele próprio, o início de uma psicanálise e deve conformar-se às regras desta. Pode-se talvez fazer a distinção de que, nele, se deixa o paciente falar quase todo o tempo e não se explica nada mais do que o absolutamente necessário para fazê-lo prosseguir no que está dizendo (FREUD, 1913/1977, p.78).

Buscando compreender os processos psíquicos inconscientes, Freud dar início ao conteúdo do sonho, pois é a partir dos sonhos que ele postula uma instância até então desconhecida da psique humana: o inconsciente, no qual existe em cada sujeito. Assim os sonhos são representados por resquícios diurnos, ou seja, situação vivenciada pelo sujeito durante seu dia, assim como, através de conteúdos disfarçados pelo inconsciente. O sonho poderá ser manifesto, revelado quando despertamos, e latente, que é caracterizado pelos pensamentos inconscientes, porém ambos se completam na sua forma de tradução. “Os sonhos são a via régia para o inconsciente, pois representam a realização de um desejo recalado”. (FREUD, 1900 apud JORGE, 1952, p.23).

O início do tratamento de acordo com Freud se inicia para que sejam analisados os conteúdos expressos pelo paciente para que assim, possa iniciar o processo a partir das condições de análise, e nesse momento o analista poderá aceitar ou não a demanda trazida, assim como, o estabelecimento de pontos importantes que são os acordos realizados entre analista e analisante. No entanto, esse tratamento se estenderá assim por um tempo lógico. (FREUD, 1913/1977).

No entanto, é no início do tratamento que o analista irá tratar sobre as questões do tempo para o processo no qual o sujeito busca. Logo, Freud relata que o paciente poderá interromper o tratamento a qualquer momento, porém, se o trabalho for interrompido por um curto espaço de tempo, sua eficácia não terá sucesso, sendo esse um processo incompleto no qual resultará como insatisfatório. No segundo ponto Freud se refere sobre o dinheiro e honorários do analista, expondo que o dinheiro, a partir da lógica do inconsciente, está ligado as questões relativas da vida sexual do sujeito, onde fatores sexuais serão colocados no momento em que o valor tratado for atribuído ao processo analítico mediante seus honorários (FREUD, 1913/1977).

O analista deverá valorizar seus honorários para que assim, o paciente possa valorizar seu tratamento. Faz-se importante no início do tratamento observar datas e nomes trazidos pelo paciente, de acordo com Freud “nunca se deve esperar uma narrativa sistemática e nada deve ser feito para incentivá-la”. (FREUD, 1913/1977, p.82).

Portanto, concluído o propósito do início do tratamento, dar-se sequência as entrevistas preliminares nas quais de acordo com Quinet (1951, p.15), podem ser separadas em três funções e em momentos distintos nos quais possuem um tempo

lógico. A função sintomal, que é caracterizada a partir dos sintomas apresentados pelo sujeito como demanda, [...] “transformando o sintoma do qual o sujeito se queixa em sintoma analítico”.

De acordo com Quinet (1951), a função diagnóstica está relacionada ao que dará direção à análise, no entanto, é nesse momento que o analista poderá perceber a estrutura clínica que o paciente estará inserido, se na neurose onde sua forma de negação se estabelece no recalque através do sintoma, na perversão tendo sua forma de negação desmentido retornando de forma de fetiche e a psicose tem sua forma de negação através da forclusão e seu retorno se realiza pela alucinação. Porém, a função diagnóstica só se apresenta na psicanálise como função da direção da análise.

A função transferencial para Lacan citado por Quinet (1951, p. 25), [...] “e seu pivô é o sujeito suposto saber”. É o momento pelo qual o sujeito sinaliza entrar no processo da análise propriamente dita, buscando no analista um saber, no qual Lacan vai chamar de sujeito suporte saber. No entanto, encontramos a partir das entrevistas preliminares a estrutura psíquica na neurose caracterizada através do sintoma, assim como, a estrutura psíquica da psicose onde o sintoma se instala a partir das alucinações.

Freud (1923/1970) conceitua três instâncias psíquicas as quais podem ter uma porção consciente e outra inconsciente. Essas instâncias também traduzidas em Eu, Isso e Supereu. O eu que é compreendido pelos conteúdos conscientes, o eu é corporal, [...] “é aquela parte do isso que foi modificada pela influência direta do mundo externo” [...]. O isso relaciona-se aos conteúdos inconscientes, as pulsões e desejos nos quais o ego não tem acesso. O supereu tem função reguladora. Freud nos transmite que:

O eu representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões. Tudo isto se coaduna às distinções populares com que estamos familiarizados; ao mesmo tempo, contudo, só deve ser encarado como confirmado na média ou ‘idealmente’. A importância funcional do ego se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. (FREUD, 1923/1970, p.15).

Diante da contemporaneidade á qual vivenciamos onde o sujeito cala-se a partir de um diagnóstico (CID-10/DSM-V) ou amiúde por questões relacionadas a uma sociedade opressora. Porém, a Psicanálise torna-se cada vez importante em sua clínica de forma singular com o sujeito, pois a partir do olhar psicanalítico de uma escuta diferenciada com a qual nos permite enxergar o outro diante de sua subjetividade descaracterizando os modelos biomédicos, se faz possível uma atuação ética a qual se dispõe ao encontro com sujeito permitindo-lhe a sua fala em busca do seu mais profundo Eu.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DE ESTÁGIO

As minhas atividades práticas foram realizadas e desenvolvidas durante o período de estágio, no qual se consistia em atendimentos á pacientes de forma singular em psicoterapia sob uma visão psicanalítica buscando compreender a escuta clinica diferenciada em cada paciente, que se realizava na clínica integrada do Centro Universitário do Rio Grande do Norte / UNI-RN, sob supervisão e orientação do Professor Erick Leonardo.

4 METODOLOGIA

4.1 PROJETO DE INTERVENÇÃO

Foi desenvolvido a partir da escuta clínica com o sujeito em sua singularidade, à relação do aprendizado entre a teoria e a prática mediante os conhecimentos adquiridos ao longo de toda graduação.

No entanto, foi através desse estágio que busquei aperfeiçoar minhas habilidades e experiências para uma escuta clínica e assim, pudesse conduzir cada atendimento terapêutico sob uma ótica prática dos estudos psicanalíticos que corroborou nas intervenções de cada caso ouvido. Os atendimentos eram realizados de forma singular no “um a um” com duração de 45 minutos.

Também foram realizadas as discussões dos casos, na forma de grupos ou quando havia necessidade individualmente pelo supervisor orientador, pois diante das demandas apresentadas por cada paciente fazia-se necessário o aprofundamento teórico na base psicanalítica, para possíveis intervenções e compreensão daquela escuta.

Assim como, também foi oferecido uma outra modalidade, o Plantão Psicológico durante todo período de estágio, onde foram realizados alguns atendimentos os quais foram direcionados para a psicoterapia.

Logo, foi a partir dos atendimentos durante o período de estágio que o presente trabalho de conclusão de curso foi confeccionado, podendo assim, relatar o estudo de caso. Os recursos utilizados foi apenas a escuta a qual era oferecida ao sujeito diante de sua queixa, e a técnica, foi à ética, pois a técnica na psicanálise é indubitavelmente a ética.

5 AS AVENTURAS DE BEN: sobre a psicanálise com criança

O sujeito do caso clínico que será apresentado abaixo terá o nome Benjamin, nome fictício para que o mesmo possa manter o sigilo de sua identidade. O nome escolhido faz referência ao personagem de um desenho infantil (Bem 10/Benjamin), pois durante o percurso dos atendimentos foi um dos significantes que mais se fez presente durante todas as sessões, que, no entanto, só após algumas entrevistas com a mãe foi possível compreender o significado do aparecimento constante do significante.

A psicanálise infantil se inicia a partir de Freud (1909/1996) o qual analisou uma criança de 5 anos “o Pequeno Hans”, através das correspondências conduzidas por seu pai, se utilizando do mesmo princípio com os métodos da análise para os adultos com a criança, realizando as interpretações de seus desejos, assim como suas angústias. No entanto, foi a partir desse caso que Freud outorga sobre a teoria da sexualidade infantil. Porém, Freud não deu sequência aos processos de análise com criança.

Entretanto, de acordo com Camarotti (2010), surgiram os pós-freudianos nos quais deram continuidade a análise com crianças, sendo as principais da época Anna Freud e Melanie Klein, onde as mesmas divergiam seus pensamentos nos processos de análise com a criança.

Logo, Jacques Lacan citado por Camarotti (2010), relata que o sintoma da criança corresponde ao sintoma familiar, na França, Lacan desenvolve um novo método à prática de análise da criança com Françoise Dolto, Maud Mannoni dentre outros analistas os quais defendiam ser a criança um sujeito por inteiro, e que não havia diferença entre uma análise de adulto e a análise de criança.

Figueiredo e Machado (2000), relatam que diferente das ciências empíricas, o diagnóstico em psicanálise se constrói de forma estrutural a partir da fala do sujeito dirigida ao analista sob forma de transferência.

Iremos contribuir a clínica com criança juntamente com o caminhar do relato do caso que será apresentado.

5.1 ENTREVISTAS PRELIMINARES COM A MÃE

Mannoni (2004) relata que a primeira entrevista se inscreve em um encontro com o nosso próprio eu. No entanto, se faz necessário que ao atender uma criança, seja realizado um primeiro encontro com os pais no intuito de fazer falar de si e sobre o lugar que a criança é colocada em seu contexto familiar.

Inicialmente, a mãe procurou o serviço de psicologia da clínica integrada UNI/RN, com a queixa de reclamações da escola a qual relata que seu filho Benjamin de 7 anos vem apresentando um quadro de declínio escolar em suas leituras assim como no relacionamento com seus colegas, buscando se isolar nos momentos de recreação.

A mãe relata no primeiro atendimento que vem percebendo que seu filho está regredindo, ficando mais infantilizado como se fosse uma criança de 3 anos, e isso vem acontecendo desde que seu pai foi preso.

Lacan (1969/2003) em “Nota sobre a criança” postula que o sintoma da criança apresenta-se sob aquilo que responde ser sintomático na estrutura familiar parental.

Engravidou aos 15 anos, uma gravidez não “desejada” e repleta de muitas confusões, brigas e separações entre ela e o marido. Benjamin nasceu de 37 semanas, porém, apresentava várias complicações de saúde, asma, alergia, cansaço.

Quando Benjamin estava com 4 meses, vivenciou a primeira separação dos pais após seu nascimento, segundo a mãe de Benjamin, apresentou uma febre, diagnosticada como emocional, destacando que foi um dos motivos da reaproximação do casal buscando uma nova chance para que voltassem a ser uma família.

“ _ Eu sei que o meu filho precisa muito de um acompanhamento psicológico por tudo que ele já vivenciou.”

A mãe relata da importância do tratamento psicológico e expressa a necessidade que ela também apresenta quanto ao seu próprio acompanhamento.

É preciso que os pais possam se perceber sintomáticos e realizem também seu próprio processo terapêutico. Pois de acordo com Dolto (2008), não podemos entender que o sofrimento projetado sobre uma criança desde seu nascimento e o

que faz o sintoma dos pais, implica o tratamento dos pais e que, aliás, é isso o que de fato eles vêm pedir através do filho.

Retomando a história de Benjamin aos 12 meses, seu pai foi preso pela primeira vez, porém, por um curto espaço de tempo e que durante esse período ocorreu mais uma separação a qual impactou de uma forma mais intensa na relação pai e filho, pois a criança só adormecia após ser embalado nos braços do pai. Devido à separação o pai se fazia presente todas as noites até o filho adormecer. A mãe relata que pai e filho tinham uma ligação muito forte e que os dois se conectavam, no entanto, após a prisão do pai, aparentemente essa relação foi abalada.

A partir de então, o casal vivencia mais um processo de separação. A esposa resolve dar um novo rumo a sua vida e viaja para um Estado no Sudeste sozinha deixando seu filho com sua família (avó), após alguns meses retorna para o Nordeste e ainda separada decide ir embora para outro Estado no Sul levando consigo seu filho e permanece por 9 meses, durante esse período conhece uma pessoa e passa a se relacionar enxergando ser uma nova possibilidade de relacionamento. Um homem teoricamente desconhecido, mais que “gostava” muito de seu filho, levava para brincar, passear de cavalo, olhar os animais, buscava dar toda a “atenção e carinho” para ele.

Durante certo tempo a criança relatava para mãe que seu suposto amigo estava pegando e alisando seu “*pipi*” e que não estava gostando, a mãe por sua vez diz à criança que o amigo está apenas brincando com ele de forma mais carinhosa, não observando a importância na fala da criança, entendendo ser apenas uma implicância por parte dele.

“- Eu sei que esse não é um assunto fácil pra ser falado, mais preciso ajudar meu filho, pois sei que tenho muita culpa e talvez isso possa ajuda-lo.”

Enquanto estavam no Estado Sul, realizaram uma viagem, o filho, a mãe e seu novo companheiro. No percurso a mãe adormeceu e ao acordar se deparou com o companheiro alisando o pênis de seu filho.

“- Fiquei louca e percebi naquele instante o quanto meu filho estava precisando de mim, então, não pensei duas vezes e voltei pra o Nordeste”.

Ao retornar para o Nordeste houve uma reconciliação entre os pais da criança, no entanto, seu marido mais uma vez foi preso.

Após este episódio e as dificuldades financeiras, Benjamin e a mãe precisam sair de sua casa a qual era alugada e passam a residir na casa de sua avó juntos com outros familiares. Segundo ela, no ambiente não havia privacidades as quais impossibilitava que ambos tivessem seu próprio quarto, então mãe e filho passaram a dormir juntos em uma cama de casal.

Castro e Silveira (2016) relatam que a mãe-mulher pode aí fazer de seu filho suplência às próprias faltas. Segundo estes autores, tornam-se necessárias as funções da mãe e do pai, onde a mãe realiza seus interesses de forma particular e inconsciente, logo a criança ocupa a função do objeto “a” na fantasia da mãe por intermédio de suas próprias faltas. O pai, como aquele que promulga a Lei, ou seja, aquele que realizará a interdição na relação mãe-filho.

Lacan citado por Flesler (2012) vai nos dizer que:

O objeto a escreve uma dupla função: como falta, será causa do desejo; como mais-de-gozar, será objeto do gozo. Quando o objeto falta ou está ausente, opera dando causa ao desejo; em troca, quando está presente, é um mais-de-gozar que, caso se mantenha fixo, obstrui, como um tampão, o sítio ou furo necessário para o engendramento ou promoção do movimento desejante.

Porém, pode-se perceber a falta como representação fálica, sendo esse filho causa de desejo da mãe. Lacan (1956-7) citado por Farias e Lima (2004) diz que o objeto de que se trata é um objeto faltoso. [...] um objeto perdido, um objeto a se reencontrar, o que é procurado não coincide nunca com o que será encontrado.

Na última prisão do pai, Benjamin já estava com 6 anos, fato que relata a mãe nunca ter escondido nada do filho com relação a ausência do pai que, no entanto, sempre que possível leva o filho para vê-lo nas visitas ao presídio uma vez por mês. E amiúde ao retornar do presídio o menino questiona a mãe do porque seu pai foi fazer “aquilo”, relatava que gostaria de estar em sua casa, no seu quarto, com seus brinquedos.

5.2 OS ENCONTROS COM A CRIANÇA

Os encontros com a criança foram realizados na sala de terapia. No primeiro atendimento após a entrevista preliminar com a mãe, Benjamin não comparece a sessão por duas semanas consecutivas. Logo, se apresenta a sessão acompanhado por uma tia.

Ao entrar na sala em seu primeiro atendimento, Benjamin observa tudo a sua volta, todos os brinquedos de uma forma admirável e surpreso com a quantidade de brinquedos que havia na sala. Essas características de Benjamin se fez presente em quase todos os outros atendimentos.

Após apresentar toda a sala, todo espaço que seria destinado para ele nas sessões, pergunto o que ele gosta de fazer durante seu dia. De forma imediata me responde com uma das mãos na boca: “brincar”. Pergunto do que ele gosta de brincar. Gesticula apontando para todos os brinquedos dizendo gostar de tudo aquilo que se fazia presente.

Demora alguns minutos observando e em seguida aponta para o arco e flecha perguntando se pode brincar. Respondo: Aqui você pode brincar com o que quiser.

Dar início a outra brincadeira com os fantoches se utilizando de um “homem e uma mulher”, com a voz um pouco sussurrada diz que vai começar a apresentação. Passa a tocar um boneco no outro de forma agressiva tentando externalizar algo. Então pergunto o que eles estão fazendo. Benjamin responde: “brigando”.

Foi possível perceber que a criança estava reproduzindo um possível fato de sua realidade ao brincar. Flesler (2012) vem lembrar que ao brincar, a criança brinca de deixar o lugar de objeto para se erigir como sujeito [...]. Pois de acordo com os relatos de sua mãe, Benjamin presenciara muitos conflitos entre seus pais de forma constante. Benjamin encerra sua apresentação e observa mais uma vez a sala e diz:

“ _ Aqui é tudo muito organizado”.

Pergunta se ainda tem tempo e já começa a brincar com as espadas escolhendo uma para ele e outra pra mim, e ao me entregar a espada, pergunta se eu posso brincar com ele, respondo que sim, ele diz:

“ _ Nós vamos brincar de lutar, você finge está lutando e tenta de acertar que eu vou dando as coordenadas”.

Em alguns instantes depois, deixa a espada e começa a brincar com o bambolê e em seguida com as pecinhas de montar falando que montaria uma casa, no entanto, apenas encaixa e desencaixa as peças. É possível perceber as constantes trocas de brinquedos a qual a criança busca elaborar os conflitos a partir do seu imaginário.

Para Flesler (2012), é durante a cena lúdica, que a criança executa sua representação, ela sabe que está jogando e mesmo assim acredita no jogo.

Realiza de forma tão intensa que se alegra, se entusiasma, se angustia, enfim, se comove de verdade. Ou seja, a criança realiza suas elaborações a partir dos fatos de sua realidade apresentando suas angústias.

Com isso, podemos perceber uma relação entre arrumar a casa e as constantes reorganizações que Benjamin teve que realizar.

Após a prisão do pai, a criança e sua mãe são obrigadas a sair de sua casa passando a conviver na casa de familiares. Entretanto, ao brincar de tentar fazer uma casa com as pecinhas de montar, Benjamin consegue representar em sua realidade o simbólico de casa.

Foi observado que ao término de cada brincadeira Benjamin colocava todos os brinquedos no mesmo local que os retirava.

Na segunda sessão a criança me aguardava na recepção pontualmente acompanhada por sua tia.

Ao entrarmos na sala lhe pergunto como foram seus dias, responde de forma simples e objetiva que foram bons, quase todo tempo na escola e que ele estudava bem cedo.

A criança repete a mesma ação da sessão, observava os brinquedos, em seguida diz que queria vir para a sessão todos os dias porque aqui é muito bom. Logo pergunto o que era muito bom para ele naquele local. Em seguida responde que “era muito bom porque tinha muitos brinquedos e posso brincar, eu gosto de brincar”.

Continua observando os brinquedos, em seguida pega o mesmo boneco da primeira sessão, brinca sozinho rapidamente, depois devolve para o mesmo local e se direciona para casinha. Na casinha, se expressa de forma chateada porque alguma outra criança havia deixado tudo “bagunçado”. Utiliza-se dos bonecos e começa a formar uma sua representação de família, pai, mãe, filho, avô e avó, nomenclaturas descritas pela criança.

Ao chegar à sala com a criança, pergunto como ela está. Sem muitas delongas responde:

“-Tô legal, essa semana fui para escola, brinquei, estudei e a matéria que mais gosto é matemática”.

Em seguida, começa a brincar com os bonecos, contanto que gostaria que eu brincasse com ele.

Nesse momento evito operar com minha subjetividade, oferecendo a possibilidade de Benjamin lançar sobre o analista elementos da sua fantasia, e me coloco na posição de objeto, pois no processo terapêutico o analista oferece seu corpo para que o outro seja sujeito.

Então eu lhe pergunto: Qual boneco você gostaria que eu fosse? Entrega-me o boneco de sua escolha dizendo gostar dele porque ele tem uma arma. Destaca-se a brincadeira de Benjamin e a cena recorrente de sua história, a prisão do pai, a polícia... Entretanto, Dor (1991) diz que trata-se aí de uma vivência identificatória primordial onde a criança é radicalmente identificada com o objeto único do desejo da mãe, o objeto do desejo do *Outro* [...] (grifo do autor).

Em seguida a criança da continuidade a brincadeira dizendo que vamos brincar de luta, porém, tem uma curta duração e Benjamin repete a mesma cena da sessão anterior na casinha e mais uma vez se angustia ao encontra-la de forma desorganizada e diz:

“- Tem outro menino que vem par cá não é, eu sei que tem, pois hoje eu vi e acho que foi ele quem deixou tudo desorganizado, tenho agora que organizar, não posso deixar assim”.

Percebe-se nesse momento que a criança coloca-se em outro lugar que não seja o seu de criança, agarrando para si as responsabilidades dos adultos. Ao escutar este discurso pontuo que ele não precisa organizar as coisas dos adultos, pois existem coisas que são de obrigação dos adultos e não das crianças. Segundo Dolto e Nasio (2008, citado por Bernardino 2012) a intervenção do analista, fazem-se necessário apenas para que a criança expresse suas emoções das dificuldades e conflitos que a mesma apresente, seja com ela própria ou com os que a cercam.

Inicia a mesma brincadeira com as lutas, porém, essa brincadeira possui um fato interessante, pois a criança conscientemente revela sua tentativa de trazer o pai novamente para a sessão a partir de suas elaborações no brincar de luta. Dor (2011) alega que a função paterna se relaciona ao interdito, a privação, tornando-se reconhecido pela criança o lugar ocupado por esse pai no qual onde o mesmo possa exercer sua função de manter e intervir na relação mãe-bebê, abjugando a criança da fantasia materna, ou seja, pondo um corte, uma barra na relação.

Na sessão seguinte, Benjamin comporta-se de maneira diferente das outras sessões, mantém-se deitado e em silêncio por longos minutos. Foi observado que a criança naquele seu momento queria apenas ficar sozinho e talvez construir suas

elaborações simbólicas assim como, seus conflitos internos. No entanto, mim fiz presente para acolher seu silêncio.

Próximo de finalizar a sessão, Benjamin diz querer brincar de montar e mais uma vez me convida a participar de sua brincadeira, monta e desmonta as peças dizendo querer fazer primeiro a base da casa.

A criança entra na sala com um semblante aparentemente triste e se direciona para o colchonete, logo pergunto como ele está. Responde-me que está mais ou menos bem, pois gostaria de ganhar um relógio do Bem 10, porém sua mãe disse que não daria porque o mesmo ainda não sabia ler.

Um ponto interessante, desde início da primeira sessão a criança trás em sua fala a presença de um significante representado por um personagem animado (*Bem 10*) e cita os nomes de todos, porém quando pergunto qual deles ele mais gosta e por que, pensa um pouco e diz não saber dizer o porquê, mas me responde que é do quatro braços que mais gosta e que ele é muito legal pode fazer várias coisas, pois tem quatro braços. Pode-se perceber e relacionar a ligação existente nesse significante com o fato da mãe ter relatado nas entrevistas preliminares que ela e o filho dormiam juntinhos na mesma cama.

Freud (1905/1976) relata sobre o momento do complexo de Édipo e diz que é o primeiro estágio possível de identificação, onde se compreende que nesse estágio a criança reconhece ser o objeto de desejo da mãe, assim como a mãe para com o filho. Fato esse o qual nos leva a perceber que essa criança está às voltas com a sexualidade sendo colocada na posição fálica materna. Nesse momento é preciso que a função simbólica paterna seja instalada realizando esse interdito mãe-filho. Sobre este aspecto Dor (2011) aponta que:

Por ser suposto opor a mãe, a possibilidade de ser satisfeita pelo único objeto de desejo que é seu filho, o pai sobrevém, inevitavelmente, como um intruso privador no investimento no investimento psíquico da criança. [...] A privação unida ao interdito só pode, enfim, suscitar na criança a representação de um pai frustrador, que lhe impõe ser confrontado com a falta imaginária desse objeto real que é a mãe e da qual ela necessita.

A próxima sessão dar-se início repetindo a mesma ação das duas últimas, a criança se direciona para o colchonete permanecendo em silêncio por um tempo mais prolongado que das outras vezes. Em um determinado momento, intervenho o silêncio fazendo elogios ao seu novo relógio, logo ele me responde: “Foi minha mãe quem mim deu”, e começa a me mostrar as funcionalidades do seu relógio. Logo

mais relata que está cansado e que não sabe ler e sua mãe está chateada e brigou com ele. Entretanto, nesse momento realizo uma intervenção, onde relembro a criança que na sessão passada ele escreveu algumas palavras conseguindo ler.

Benjamin levanta-se e pergunta se ainda tem tempo, respondo-lhe que ainda há tempo.

Então ele diz: “agora quero brincar, vamos brincar comigo com algum jogo, eu vou escolher”. Abre o armário de jogos e escolhe o jogo “campo minado”, porém, me olha e diz não saber como joga aquele jogo “mas que vai fazer do jeito dele”, de imediato lhe respondo que também não sei.

Miller (2014) vai nos dizer que a metáfora paterna remete sobre a divisão do desejo ao qual, impõe nessa ordem do desejo que o objeto criança não seja tudo para o sujeito materno. Ou seja, mesmo sem saber como se joga o jogo escolhido, apenas observando as imagens contidas na caixa, a criança revela está dividida entre seu desejo inconsciente e o desejo da mãe, quando diz que vai jogar do seu jeito.

Inicia outro jogo e se alegra dizendo que esse era de desenhar e adivinhar, ele mesmo explica como funciona o jogo, “você joga os dados e depois escreve uma palavra com a letra que cair e o outro adivinha, eu começo”.

E o jogo se inicia com Benjamin conforme solicitado por ele e escreve sua primeira palavra: MACACO. A criança representa nessa palavra mais um significante por meio do simbólico. E assim o segue o jogo, próximo de finalizar o jogo e a sessão, mostro para o mesmo que ele acertou todas as palavras que eu havia escrito e continuo dizendo: Isso quer dizer que você sabe ler. Imediatamente a criança sorri e responde, “é eu sei”.

Foi interessante o ocorrido desse fato que irei relatar o qual me chamou a atenção. Ao deixar Benjamin na recepção local onde sua mãe o aguardava, ela ao ver o filho realiza o seguinte comentário: “eita agora tá todo feliz, já sei que a sessão foi muito boa, brincou muito, conversou muito com psicóloga, não foi Benjamin”.

No entanto, Miller (2014) “diz que o objeto criança não somente preenche, como também divide, é essencial que ele divida [...]. É fundamental que a mãe deseje outras coisas além dele”.

Porém, é a partir dessa fala colocada pela mãe que podemos relacionar a questão trazida por Lacan quando constata que o objeto a é a partir de sua estrutura

estará preparado para ocupar o lugar de captura do gozo. E ao imputar o significado fálico a criança impedirá que a “boca do crocodilo se feche”.

Diante deste aspecto, Castro (2016) relata que:

Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra. O desejo da mãe é isso. (...) Há um rolo, de pedra, é claro, que lá está em potência, no nível da bocarra, e isso retém, isso emperra. É o que se chama falo. É o rolo que os põe a salvo se, de repente, aquilo se fecha.

Sendo assim, é nesse momento que metáfora paterna se inscreve à criança, corroborando na interdição metafórica do desejo da mãe. Pois “o desejo é, por estrutura aquilo que jamais pode ser satisfeito”. Logo o desejo da mãe não se encerrará no seu filho. (CASTRO; SILVEIRA, 2016).

Pensar como a análise com Benjamin permitiu que houvesse um espaço para além do que deseja a mãe. Benjamin pôde brincar, elaborar os impasses que vinham sobre a prisão do pai, distanciar-se da mãe e romper com o imaginário que não sabe ler.

Infelizmente o acompanhamento com Benjamin precisou ser finalizado devido o término do estágio, no qual suas sessões tiveram apenas a durabilidade entre 4 e 5 meses por ter sido interrompidas muitas vezes em decorrência de suas faltas constantes na qual a mãe justificava que não tinha com quem Benjamin viesse para as sessões, pois no horário disponível para ele ela encontrava-se ainda no trabalho. Fato esse que foi relatado só após quase um mês de ausência da criança as suas sessões. Como a psicanálise visa uma clínica que aposta no sujeito, independentemente dos motivos de suas faltas continuei a espera pela criança em um outro horário conforme solicitou a mãe, ou seja, em um outro momento possível.

E assim foi dada continuidade ao processo onde teve um fato interessante, amiúde era possível perceber que durante alguns poucos minutos após entrar na sala, Benjamin apresentava uma voz infantilizada conforme relato de sua mãe na primeira entrevista, porém, como foi falado (poucos minutos), minutos depois após começar a conversar com ela, essa mesma voz era modificada sem a presença infantilizada que normalmente se caracteriza a de uma criança de sua idade sem infantilização. Após o encerramento das sessões ao se aproximar da mãe o mesmo comportamento do início voltava a se instalar na criança de fato infantilizada. Ou seja, a criança se reestabelece simbolicamente no lugar ocupado por ela no desejo mais-de-gozar dessa mãe.

Após várias elaborações frente às condições que o pai da criança se encontrava (em um presídio), foi percebido que a mesma já apresentava uma nova postura na aceitação de ser o pai presidiário, na qual já demonstrava em suas brincadeiras através de desenhos com os relatos acontecidos e metáforas com os bonecos usando o termo amigo e inimigo, sendo assim possível que ela pudesse elaborar os conflitos externos vivenciados. Logo nas últimas sessões já não brincava mais com os bonecos apenas com jogos ou ficava deitado no colchonete em silêncio como também trazia breves relatos de algo que lhe causava sofrimento, angústia naquele momento.

As sessões com Benjamin foram pra mim uma experiência singular sob o manejo que a psicanálise por via dessa escuta diferenciada, desse olhar para o sujeito, pôde me proporcionar, sendo possível enxergar o infantil existente não apenas na criança em atendimento como também em mim através do sujeito inconsciente.

Diante do que foi possível nos atendimentos e nas evoluções apresentadas, finalizo nesse momento os atendimentos, compreendendo a necessidade que a criança ainda apresenta em dar continuidade ao seu processo terapêutico. Entretanto, conclui-se que algo foi registrado nessa criança para sua constituição em uma sociedade e o seu lugar como sujeito desejante e que assim ele possa passar entre as paredes abertas diante a ausência do pai.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A graduação em Psicologia me possibilitou várias experiências em alguns contextos: visita no Hospital Colônia Dr. João Machado, plantão psicológico na prática jurídica UNI/RN, plantão psicológico na clínica integrada UNI/RN, congresso de iniciação científica, dentre outros.

No entanto, foi através do estágio obrigatório em ênfase clínica de orientação psicanalítica que pude escutar vários sujeitos em sua subjetividade e assim experimentar de modo ímpar a melhor experiência de minha vida em quanto graduanda em psicologia, a qual me trouxe várias reflexões sobre ser sujeito ou ser objeto para que o outro se encontre como sujeito.

A psicanálise é isso, visa sempre uma aposta no sujeito, é uma não ciência na qual torna possível ao sujeito um encontro com o seu mais profundo Eu, onde o analista irá corroborar tão somente com seu olhar/escuta diferenciada que fará desse outro uma “escultura, na qual se lapida, se retira para enfim, encontrarmos o sujeito”.

Sendo assim, me certifico ainda mais que a vida é feita de escolhas e termos, nesse momento terminei apenas mais uma dentre várias etapas as quais trilharei, e foi possível me sentir ser escolhida pela psicanálise para dar continuidade ao meu desejo de trilhar em um outro lugar...

REFERÊNCIAS

BREUER, Josef; FREUD, Sigmund. **Estudos sobre a histeria**. Vol. II (1893-1895). Leipzig e Viena: Deuticke, 1895.

CAMAROTTI, Maria do Carmo. O nascimento da psicanálise de criança: uma história para contar. *Reverso*, vol.32, n.60, Belo Horizonte, setembro, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v32n60/v32n60a07.pdf>> Acesso em: 20 out. 2017.

CASTRO, Júlio Eduardo de; SILVEIRA, Marina Gabriela. **O sintoma da criança**: produção composta de desejo e de gozo. Opção lacaniana online nova série. Ano 7, n.20, jul. 2016. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/O_sintoma_da_crianca.pdf> Acesso em: 20 out. 2017.

DOR, Joël. **Estrutura e perversão**. Trad. de Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

DOR, Joel. **O Pai e sua função na Psicanálise**. 2.ed. São Paulo: Editora Zahar, 2011.

DOLTO, Françoise. **Quando os filhos precisam dos pais**. Respostas a consultas de pais com dificuldades na educação dos filhos. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____; NASIO, J. D. **A criança do espelho**. Trad. A. Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FARIAS, Cynthia Nunes de Freitas; LIMA, Glaucineia Gomes de. Relação mãe-criança: esboço de um percurso na Teoria Psicanalítica. *Estilos da Clínica*, 2004, vol.9, n.16, p. 12-27. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v9n16/v9n16a02.pdf>> Acesso em: 15 out. 2017.

FIGUEIREDO, Ana Cristina; MACHADO, Odina M. Rodrigues. O diagnóstico em Psicanálise: do fenômeno à estrutura. *Ágora*, v.3, n.2, jul/dez 2000, p. 65-86. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/agora/v3n2/v3n2a04.pdf>> Acesso em: 15 out. 2017.

FLESLER, Alba. **A Psicanálise de crianças e o lugar dos pais**. Rio de Janeiro Zahar, 2012.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria**. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. Vol. VII (1901-1905). *Mschr. Psychiat. Neurol.* 18 (4 e 5), out./nov. 1905. p. 285-310/408-467.

_____. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Obras completas, ESB, v. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **Análise da fobia de um menino de 5 anos (*El pequeño Hans*)**. In: Obras Completas, vol. X. (1909) Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

_____. Sobre o início do tratamento (1913). *In: Obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. **O ego e o ID e outros trabalhos**. Vol. XIX (1923-1925). Leipzig, Viena e Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1923.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud e Lacan: as bases conceituais**. Vol.1, 2.ed. 7.reimp. Rio de Janeiro: Zahar, 2014 (Trabalho original publicado em 1952).

LACAN, J. (1966). Nota sobre a criança. *In: Outros escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.96-103.

MANNONI, Maud Ferreira. **A primeira entrevista em psicanálise**. São Paulo: Campus, 2004.

MILLER, Jacques-Alain. **A criança entre a mulher e a mãe**. Opção Lacaniana online nova série. Ano 3, n.15, novembro 2014. Disponível em: <http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf> Acesso em: 10 out. 2017.

QUINET, A. (1951). **As 4 + 1 condições da análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROTSTEIN, Eduardo; BASTOS, Angélica. A concepção Freudiana de Experiência. *Rev. Psic. e Pesq.* Brasília, jul./set. 2011, v.27, n.3, p. 371-380. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n3/13.pdf>> Acesso em: 18 mai. 2017.

SOLER, Vanessa Tramontin da; BERNADINO, Leda Maria Fischer. **A prática psicanalítica de François Dolto a partir de seus casos clínicos**. *Estilos Clín*, São Paulo, v.17, n.2, jul./dez. 2012, p. 206/227. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:_GrCMZevsbAJ:https://www.revistas.usp.br/estic/article/download/49646/53749+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 8 out. 2017.

APÊNDICE

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE PSICOLOGIA

ESTÁGIO SUPERVISIONADO

NATAL/RN
2017

SUMÁRIO

1	IDENTIFICAÇÃO	1
2	OBJETIVOS	2
2.1	OBJETIVO GERAL	2
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	2
3	CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	3
3.1	DESCRIÇÃO FUNCIONAL DO LOCAL DE ESTÁGIO	3
3.2	DESCRIÇÃO DA EQUIPE DE TRABALHO	4
4	ATIVIDADES PROPOSTAS	5
5	CRONOGRAMA	6
	REFERÊNCIAS	7

1 IDENTIFICAÇÃO

1.1 Nome completo do aluno: Kaíla Samara Damasceno de Souza

1.2 Número da matrícula: 2013C020255

1.3 Área de estágio: Psicologia clínica

1.3.1 Nome Subárea: Abordagem Psicanalítica

1.4 Local do Estágio:

1.4.1 Clínica Integrada do Centro Universitário do Rio Grande do Norte-UNI-RN.

Sediado na Rua Prefeita Eliane Barros, 2000 – Tirol – Telefone: (84) 3215-2960

1.5 .Nome do Supervisor acadêmico e CRP: Professor - Erick Leonardo Pereira,
CRP: 17/2457

1 OBJETIVOS

1.1 Objetivo Geral:

Desenvolver através da escuta clínica meus aprendizados adquiridos ao longo de quase cinco anos, no qual terei como base a Teoria Psicanalítica sob a modalidade de atendimento individual em psicoterapia. No entanto, será através desse estágio que buscarei aperfeiçoar minhas habilidades e experiências para que assim, possa conduzir o processo terapêutico com uma visão prática dos estudos psicanalíticos que irá corroborar para intervenções de cada caso a ser ouvido. A partir disso, também será oferecido o Plantão Psicológico, assim como, o atendimentos clínicos psicológicos (psicoterapia).

1.2 Objetivos Específicos:

- Atendimento ao paciente individualmente;
- Participação nas reuniões de equipe;
- Discussão de casos com o supervisor orientador;
- Fazer supervisão extra caso necessário;
- Desenvolver a capacidade da escuta diferenciada;
- Realizar intervenções psicanalíticas a partir das demandas trazidas pelo paciente.
- Aprofundar meus conhecimentos na compreensão da teoria psicanalítica com embasamento no atendimento da clínica;
- Prescrever um breve relato do atendimento a cada sessão.
- Manter uma postura ética profissional atuante como psicólogo;
- Atendimento Urgente (plantão psicológico);
- Classificar um caso clínico para desenvolvimento do TCC.

2 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

As minhas atividades praticas que serão realizadas a partir do presente estágio, que consistirá em atendimentos psicológicos na clinica integrada do UNI-RN, semanalmente, sob a supervisão do professor Erick Leonardo Pereira. Minha escolha foi embasada durante todo o percurso da graduação, foi uma escolha apaixonante desde o principio, onde a maioria de meus trabalhos acadêmicos sempre estavam voltados para a teoria psicanalítica: congressos, cursos, atividades acadêmicas, dentre outros. E esse estágio me proporcionará a vivencia prática de todo contexto teórico estudado, assim como, os demais embasamentos sob a ótica psicanalítica que continuarei utilizando para que possa fundamentar meus processos nos atendimentos, vislumbrando as questões subjetivas de cada paciente. Por isso estarei utilizando minhas fundamentações teóricas os quais possui ligação direta com a psicanalise na clinica: As 4 + 1 condições da analise, o inicio do tratamento, a dinâmica da transferência, o amor transferencial, neurose e psicose, a questão da analise leiga e o destino do sintoma, os quais serão temas cruciais para utilização nesse primeiro momento.

2.1 DESCRIÇÃO FUNCIONAL DO LOCAL DE ESTÁGIO

O serviço de psicologia das clinicas integradas do UNI-RN, tem por objetivo oferecer a assistência interdisciplinar à comunidade que de seus serviços necessitem, visando um atendimento humanizado diante das demandas que possam surgir. Nas clinicas são oferecidos os serviços de Psicologia, Enfermagem, Nutrição, Fisioterapia e Serviço Social.

As clinicas integradas do UNI/RN possui o setor de psicologia no qual é dividido em sete salas de atendimento individual, duas salas de ludoterapia, uma de grupo, uma de grupo, assim como, uma sala para aplicação de testes psicológicos.

Seus atendimentos são direcionados a toda população da cidade. Localiza-se no UNI/RN, seu funcionamento é de segunda a sexta feira, das 07:30 às 21:00 horas.

2.2 DESCRIÇÃO DA EQUIPE DE TRABALHO

Os profissionais que compreendem o setor da psicologia são dois recepcionistas que realizam o processo de marcação das consultas e agendamento de sala, dois auxiliares de serviços gerais para assim manter a organização de todos os setores, a coordenadora clinica do setor de psicologia Georgia Martins Neves a qual é responsável pelo recebimento e arquivamento de todos os relatórios, como também os professores e os estagiários do curso de psicologia.

3 ATIVIDADES PROPOSTAS

As atividades realizadas durante o período de estágio que corresponde do nono ao décimo período para conclusão do curso, compreende-se apenas nas clínicas integradas UNI/RN, sendo supervisionado pelo Professor Erick Leonardo, que tem como objetivo o atendimento individual a uma criança, um adolescente e um adulto em psicoterapia sob a ótica psicanalítica compreendendo a escuta clínica do sujeito.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. ([1911]1913). **O caso Shreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (sobre início do tratamento)**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XII).

FREUD, S. ([1911]1913). **O caso Shreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (a dinâmica da transferência)**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XII).

FREUD, S. ([1911]1913). **O caso Shreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (observações sobre o amor transferencial)**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XII).

FREUD S. ([1923]1925). **O Ego, o Id e outros trabalhos (Neurose e Psicose)**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XIX).

FREUD S. ([1923]1925). **O Ego, o Id e outros trabalhos (A perda na neurose e na psicose)**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XIX).

FREUD S. ([1925]1926). **Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedades, análise leiga e outros trabalhos (A questão da análise leiga)**. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol XX).

QUINET, A. 1951. **As 4 +1 condições da análise**. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.